



Diário da Redação

MARCOS CASTIEL, Colunista

(48) 3216-3600

marcos.castiel@diario.com.br



A estudante Daniely (em pé) e outros 23 colegas sentiram a adrenalina de produzir um jornal na escola

Daniely Santos, 12 anos, repórter

ela estuda na Escola Básica Municipal Anísio Teixeira, em Florianópolis, e já pode encher o peito para contar que sentiu a adrenalina de produzir um jornal.

Vinte e três colegas e ela aprenderam, em tempo recorde, como construir um lide, a importância do "o quê, quando, onde, como e por que", o lado fundamental de lidar com a verdade, de ser observador, crítico, desconfiado, insistente e fiel aos fatos. E de ir a campo, colher a notícia, checar fontes e transferir o conhecimento adquirido para o papel, com um design atrativo e um texto afiado.

É pouco? Nem de longe. A certeza de que o jornalismo é essencial para o cidadão, de que sempre terá seu papel fundamental na sociedade, surge em momentos singelos.

O ato de informar e ser agente no registro dos fatos é uma alimento para a democracia

Como ao observar o brilho nos olhos de crianças que, pela primeira vez, são investidas nas lides jornalísticas, mesmo por dois dias. E esta mágica da interatividade com crianças ocorreu quinta e sexta-feiras no colégio, como parte do Projeto Amigos da Escola, projeto realizado pela Rede Globo e suas afiliadas – em Santa Catarina, realizado pela Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho e RBS TV.

Ao *Diário Catarinense* coube conduzir a confecção de um jornal de quatro páginas, produzido pelas crianças, apenas com a orientação técnica dos profissionais da empresa e a cedência da infraestrutura para colocar em prática a tarefa. A área de tecnologia da empresa organizou, no laboratório de informática, os programas necessários para a diagramação. A diagramadora Ana Sofia e eu apenas orientamos as crianças na formação das equipes de reportagens mirins e na construção dos textos.

Duas constatações: a atividade de con-



A diagramadora Ana Sofia, do DC, ajudou a garotada a desenhar as reportagens



O colunista Castiel orientou as crianças na formação das equipes de reportagem

tar uma história é inata no ser humano, basta desenvolvê-la para a aplicabilidade na profissão; e o ato de informar e ser agente no registro dos fatos é um alimento para a democracia.

– Me senti com uma responsabilidade grande, até um pouco nervosa, em falar com outra pessoa e ter que relatar certinho o que foi dito. Também planejar a melhor imagem e saber que muitos iriam ler o que eu escrevi – conta Daniely.

Esta noção de responsabilidade é que move os profissionais do DC todos os dias nos seus 26 anos de vida. E, na

interatividade com a comunidade, na transmissão destes valores, o DC reforça o vínculo e a cumplicidade com seus futuros leitores. Seja indo aos colégios, seja recebendo em sua nova sede, na rodovia SC-401, delegações de colégios e universidades. A técnica jornalística aqui é levada a sério, com o mesmo brilho nos olhos de Daniely, turbinados pela experiência obtida na formação universitária, no dia a dia da Redação e das ruas.

Como se todos, ao exercer a profissão, ainda tivéssemos a vontade, a curiosidade e a alegria de uma criança.

Artigo

O prato de Almeria

MARCOS ROLIM*

A Comissão da Verdade é a chance histórica do Brasil vencer o silêncio e produzir a vergonha. Há quem não goste da ideia. Os que são contra a comissão insistem na mentira, porque ela é sua única defesa. Começam a mentir quando falam que a anistia "foi fruto de acordo" que significou perdão para "os dois lados". A lei, entretanto, foi imposta pela ditadura a um Congresso manietado, recebendo 206 votos favoráveis e 201 votos contrários. Um belo "acordo", não? A oposição votou contra o projeto, porque não se tratava de anistia, mas de autoanistia. A ditadura queria impedir que seus crimes fossem conhecidos e julgados. O resto é história para boi dormir. Quem tiver dúvida, basta ler o § 2º do art. 1º da Lei 6.683/79 que diz: "Excetuam-se dos benefícios da anistia os que foram condenados pela prática de crimes de terrorismo, assalto, seqüestro e atentado pessoal".

A extrema-direita afirma, e os ingênuos repetem que a anistia "pacificou" o país. A lei da anistia é de 1979. Alguns anos depois, o Brasil viveu um surto de terrorismo praticado por militares que se opunham à "abertura". Dois deles tentaram explodir o Riocentro na noite de 30 de abril de 1981, onde milhares de pessoas assistiam a show alusivo ao 1º de maio. A bomba, entretanto, explodiu no colo de um sargento. Seu companheiro de "acidente de trabalho", o então capitão Wilson Dias Machado é, hoje, coronel do Exército e atua como "educador" no Colégio Militar de Brasília. Antes, em 27 de agosto de 1980, a senhora Lyda Monteiro, secretária da OAB, foi despedaçada ao abrir uma carta-bomba endereçada ao presidente da Ordem, Eduardo Seabra Fagundes. Os responsáveis por estes crimes, entre tantos outros praticados antes e após a anistia, nunca foram responsabilizados, sequer processados.

Ao final deste processo, haverá mais apreço pela democracia e menos espaço para os covardes

A Comissão da Verdade foi proposta pela 3ª edição do Plano Nacional de Direitos Humanos, de 2009. Virou projeto de lei aprovado pela Câmara e pelo Senado após incorporar várias emendas da oposição. Para os mentirosos, este processo é "viciado". A presidenta Dilma indicou os membros da comissão, na forma da lei, escolhendo pessoas de notória capacitação e dignidade. O desafio não é o de punir, mas o de revelar. Não importa, o processo segue sendo "viciado" para as vítimas da ditadura. Compreende-se. O difícil para os amantes do silêncio é a perspectiva do horror vir à tona, como aquele prato de que nos falou Neruda em Almeria "com restos de ferro, com cinzas, com lágrimas, um prato submerso, com soluços e paredes caídas", todos os dias, ao café da manhã. Quando isto ocorrer, o Brasil terá atravessado o espelho da dor infinita dos que não puderam enterrar seus mortos e que, ainda hoje, são obrigados ao cinismo dos que negam a existência da tortura. A Comissão não deve se furtar ao exame de quaisquer das graves violações aos direitos humanos praticadas no período, independentemente de sua origem ou motivação ideológica. Mas, por óbvio, seu foco é o terror de Estado, porque é este que não se sabe. Ao final deste processo, o Brasil terá mais consciência sobre si mesmo e haverá na opinião pública mais apreço pela democracia e menos espaço para os covardes.

* Jornalista